

GRUTA DA IGREJINHA DOS SOÍDOS (ALTE, LOULÉ) CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO FINAL DA PRÉ-HISTÓRIA NO ALGARVE

Recebido: 30 de Janeiro de 2017 | Aprovado: 8 de Janeiro de 2019

António Faustino Carvalho¹

CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Universidade do Algarve, FCHS.

Humberto Veríssimo

Universidade do Algarve, FCHS

Resumo

Trabalhos realizados em 1988 na gruta da Igreja dos Soidos sob a direção de L.G. Straus permitiram identificar uma ocupação que se pode hoje atribuir ao final da Idade do Bronze (c. 1400 a.C.?), colocando assim este sítio entre os poucos contextos não funerários desta época conhecidos no Algarve. Para além de cerâmica característica deste período (bases planas, paredes brunidas), incluindo cinchos, regista-se ainda um conjunto faunístico diversificado que atesta uma economia pastoril (ovelha / cabra e boi).

Palavras-chave: Idade do Bronze; carso; zooarqueologia; Algarve.

Abstract

Work carried out in 1988 at the cave of Igreja dos Soidos under the direction of L.G. Straus allowed the identification of an occupation that can be today attributed to the end of the Bronze Age (c. 1400 BC?), placing this site among the few non-funerary contexts of this time period known in the Algarve. In addition to characteristic pottery (flat bases, burnished surfaces), including cheese strainers, there is also a diversified faunal assemblage attesting a pastoral economy (sheep / goat and cattle).

Key-words: Bronze Age; karst; zooarchaeology; Algarve.

https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_12

¹ afcarva@ualg.pt

I. Introdução: contexto geográfico, descrição da gruta e dos trabalhos realizados

A gruta da Igrejinha dos Soidos localiza-se a 2 km para noroeste de Alte (Loulé), a cerca de 400 metros de altitude, abrindo-se sobre uma encosta de declive suave (Fig. 1) constituída por solos calcários e argilosos muito pedregosos. Apesar destas condições aparentemente agrestes, este sector mais ocidental da Serra do Caldeirão apresenta características propícias à fixação de populações agro-pastoris que explicam a ocupação desta cavidade natural no final da Pré-História (ver conclusões).

Esta gruta deve o nome às características da sua morfologia interior (tetos abobadados e pequenas reentrâncias nas paredes) que evocam popularmente as naves das igrejas e os nichos

destinados a albergar imagens de santos (Fig. 2). O acesso é feito através de pequenos degraus naturais, orientados a nordeste, assentes no topo de um cone detrítico que se prolonga até à parte mais baixa da cavidade. Assim que transposta a entrada, encontra-se a sala principal, que apresenta uma planta ligeiramente oblonga com 38 m de comprimento, orientada no sentido sudoeste-nordeste, e 20 m de largura, com cerca de 11 m de altura máxima (Straus *et al.*, 1988).

O cone detrítico que acompanha o declive da entrada até à parte mais baixa apresenta uma espessura muito significativa devido à acumulação de blocos calcários provenientes da parte superior da gruta, assim como sedimentos provenientes do exterior, visto esta se encontrar num plano ligeiramente inclinado da encosta, facilitando este processo.

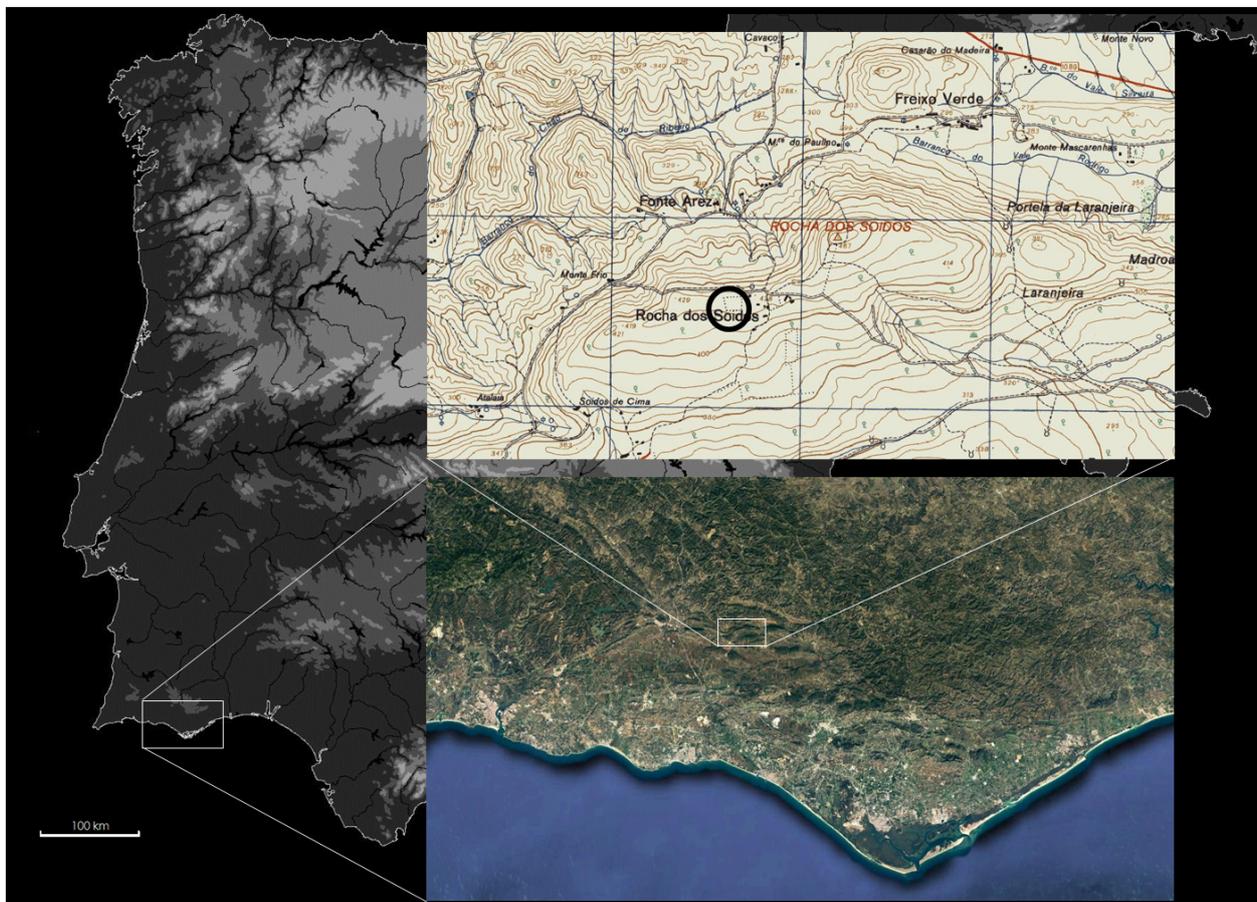


Fig. 1 - Localização da gruta da Igrejinha dos Soidos na região algarvia e no território envolvente (sobre extrato da folha n.º 587 da Carta Militar de Portugal, São Bartolomeu de Messines).

As primeiras referências a trabalhos neste local remontam a meados do século XIX, com as escavações (infrutíferas) de Bonnet (1850), que buscava restos humanos, e depois por Estácio da Veiga, que cita o autor anterior, não acrescentando novos elementos mas criticando fortemente a metodologia descuidada que aquele terá empregue:

“Não diz, porém, as espessuras que rompeu, nem indica os pontos escolhidos para a sua pesquisa, certamente muito incompleta. Não falla de provas indirectas, ou de vestígios da indústria antiga, que bem parece não ter procurado, ou não ter sabido reconhecer, apesar das tradições locais apontarem esta e outras cavernas d’aquella região como tendo sido habitadas por *mouros*.”
(Veiga, 1886: 72 [itálico no original]).

Os contextos e materiais objeto de estudo neste trabalho (de que a Universidade do Algarve é fiel depositária) são os que resultam da intervenção arqueológica levada a cabo um século depois, em 1988, sob a direção de L.G. Straus, e cujo projeto de investigação visava a identificação de locais com ocupação humana paleolítica no Algarve, sobretudo em complexos cársicos (Straus *et al.*, 1988; 1992). No âmbito desse projeto, foram desenvolvidos trabalhos em vários outros contextos cársicos da região, entre as quais se salienta, para além da Igrejinha dos Soidos, o

Algarão da Goldra (Straus *et al.*, 1992; Crispim, Póvoas e Straus, 1993; Carvalho e Straus, 2013). Os trabalhos na Igrejinha dos Soidos consistiram na realização de duas sondagens de 1x2 m cada (Fig. 2): uma na parte mais recuada da gruta (Sondagem A), outra junto ao cone detrítico da entrada (Sondagem B). Os materiais foram sistematicamente recolhidos mediante o recurso a crivos com diversas malhas, tendo sido também amostrados sedimentos para estudos palinológicos e antracológicos.

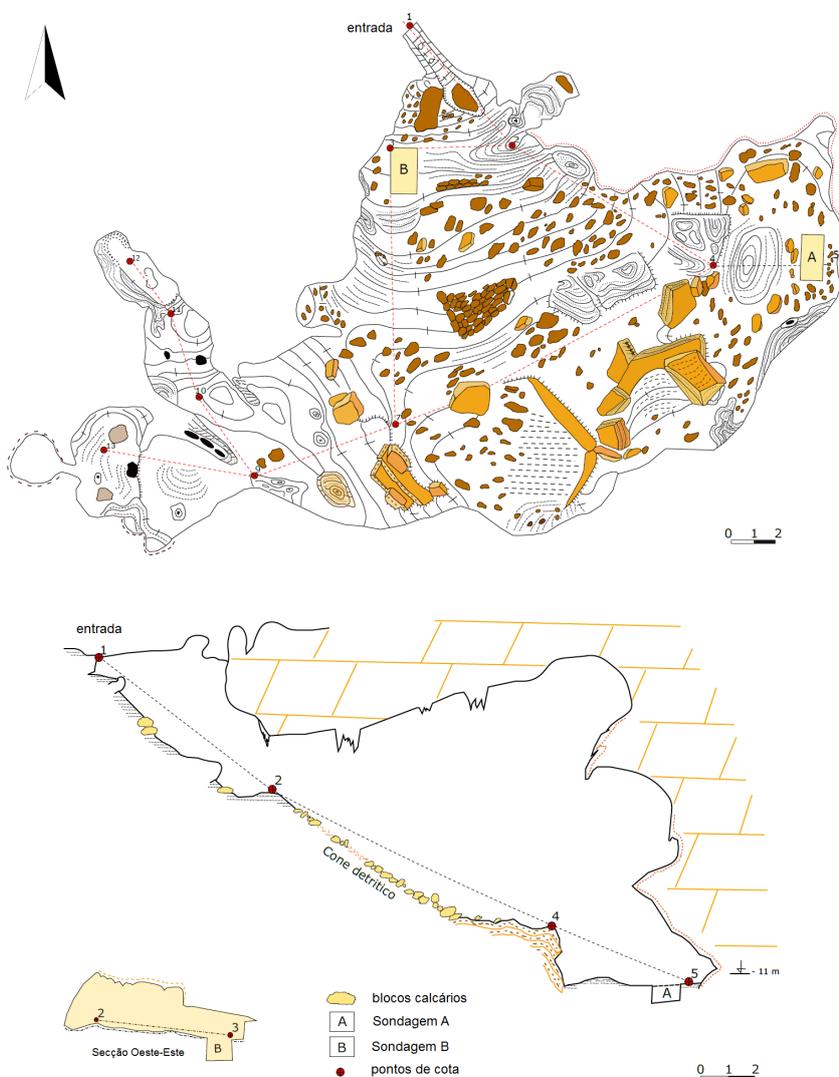


Fig. 2 - Planta e perfil topográfico da gruta da Igrejinha dos Soidos com indicação da localização das sondagens escavadas em 1988, segundo Straus *et al.* (1992, estampa VI, adaptada).

II. Contextos e cultura material

2.1. Estratigrafia

As observações estratigráficas publicadas por Straus *et al.* (1992, 145-146) podem ser sintetizadas da forma que se segue, por sondagem (Fig. 3).

A Sondagem A foi dividida em dois quadrados contíguos, A1 e A2, e revelou quatro camadas:

Camada 1, 0-10 cm. Camada superficial de remeximento, com muitas raízes, formada por um sedimento fino de cor acastanhada.

Camada 2, 10-30 cm. Separada da primeira por um nível de blocos de pedra de dimensão variável embalados em sedimentos argilo-siltosos de cor castanha escura.

Camada 3, 30-60 cm. Constituída, à semelhança da anterior, por sedimento argilo-siltoso de cor castanho- avermelhada e blocos de pedras, assim como cinzas e carvões. Parece preservar o conjunto mais abundante de vestígios cerâmicos e faunísticos.

Camada 4, 60-115 cm. Constituída por sedimentos argilo-siltosos de cor castanho- avermelhada. Trata-se da base da sequência estratigráfica, que assenta diretamente sobre a rocha-mãe. Esta camada é a que os escavadores consideraram mais bem conservada - "*less disturbed deposit*", no dizer dos mesmos - e que apresenta com efeito um número também importante de fragmentos cerâmicos. Porém, os restos faunísticos apresentam-se muito mineralizados.

A Sondagem B é formada pelos quadrados B1 e B2. A descrição publicada não faz referência clara a numeração de estratos, mas antes uma descrição das relações estratigráficas e composição sedimentológica dos diversos depósitos, da qual se podem inferir a presença

de cinco camadas principais:

Camada 1, 0-10 cm. Camada superficial composta por pequenos blocos de pedra boleados, com lixo moderno.

Camada 2, 10-30 cm. Constituída por sedimentos argilo-siltosos de coloração castanho- avermelhada apresentando fraca agregação, com artefactos recentes.

Camada 3, 30-45/50 cm. Composta principalmente por blocos pequenos/médios e alguns de maiores dimensões, que os autores classificam como *éboulis* anguloso. Apresenta uma camada de carvão na sua parte basal com cerca de 3 cm de espessura.

Camada 4, 45/50-75/90 cm. Formada por sedimentos argilo-siltosos castanho- avermelhados, limitado nas extremidades este e oeste pela rocha-mãe e no centro assentando sobre uma laje de grandes dimensões. Este estrato revelou a mais abundante concentração de materiais

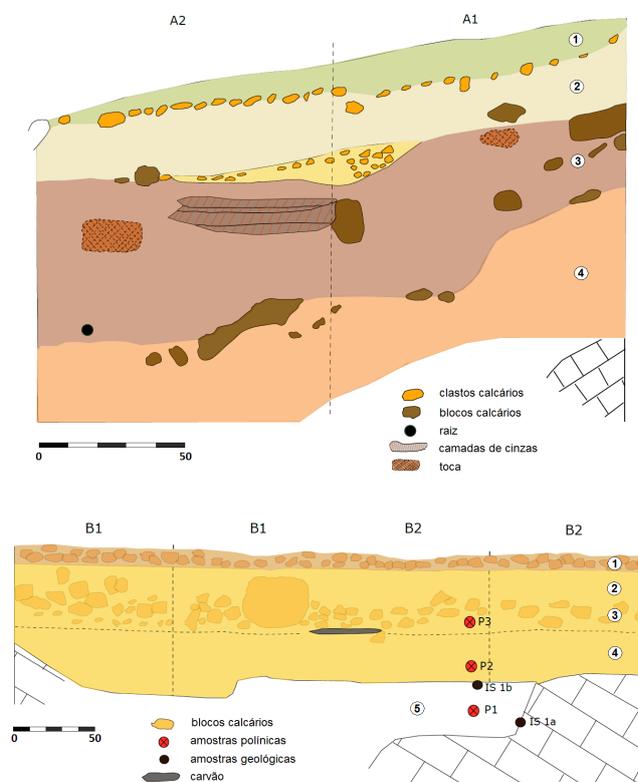


Fig. 3 - Perfis estratigráficos da Sondagem A (em cima) e da Sondagem B (em baixo), segundo Straus *et al.* (1992, estampas VII e IX, adaptadas).

arqueológicos de toda sondagem, que se encontram aqui aparentemente *in situ*.

Camada 5, 90-120 cm. Camada de argila pura, de colorações alaranjadas, que assenta diretamente no substrato rochoso. É considerada estéril arqueologicamente.

2.2. Componentes artefactuais

Os materiais exumados em ambas as sondagens foram recentemente reinventariados (Veríssimo, 2016). Compreendem cerâmica (uma taça de carena baixa quase completa e mais de centena e meia de fragmentos), metal (um artefacto) e fauna (52 restos), para além de várias amostras de carvões e sedimentos, destinadas a análise polínica. Neste estudo serão contemplados apenas os restos cerâmicos, o objeto metálico, e a fauna (cuja análise se apresenta na secção seguinte), estando os restantes materiais reservados para estudos a realizar futuramente.

O objeto em metal é uma lâmina de objeto cortante em ferro, proveniente da Sondagem B, camada 1. Este fragmento encontra-se bastante afetado pela oxidação mas ainda é possível observar as suas características morfológicas, tratando-se possivelmente de uma faca moderna. Tem 99,5 mm de comprimento conservado, por 19,5 mm largura e 1,5 mm de espessura, e pesa 9 g.

No que respeita à componente cerâmica, os recipientes identificados podem ser descritos como segue, por sondagem e camada.

Sondagem A, camadas 1 e 2

Estas camadas revelaram um conjunto de 24 restos, correspondendo mais especificamente a

três bordos e 21 fragmentos de bojo, todos lisos, com exceção de um dos bordos. Os três bordos correspondem aos Vasos n.º 2, 3 e 4.

- O Vaso n.º 2 apresenta uma densidade de elementos não plásticos (ENP) média, consistência média e uma textura xistosa. Acabamento alisado. Cor avermelhada (cozedura oxidante). O bordo tem uma orientação exvertida, e indica um recipiente de forma geral aberta. A tipologia e orientação do bordo sugere uma forma esférica ou hiperboloide.
- O Vaso n.º 3 apresenta uma densidade de ENP fraca, consistência friável, fragmentando-se facilmente, e apresentando uma textura vacuolar. Acabamento alisado. Cor acastanhada-clara (cozedura oxidante). O bordo apresenta uma orientação exvertida, e indica um recipiente de forma aberta. Na parte exterior do bordo é possível ver um conjunto de pequenas ondulações, possivelmente decorativas.
- O Vaso n.º 4 apresenta uma densidade de ENP média, consistência friável, fragmentando-se facilmente, e mostra uma textura arenosa. Acabamento alisado. Cor acastanhada-clara (cozedura oxidante). O bordo tem uma orientação direita; no entanto, devido às suas reduzidas dimensões não é possível inferir a sua forma geral.

Sondagem A, camada 3

Esta camada revelou um conjunto de 48 restos cerâmicos, estando estes distribuídos por dez bordos, 39 fragmentos de bojo liso, e uma pequena taça de carena baixa arredondada quase completa. Todos os elementos são lisos. Os bordos correspondem aos Vasos n.º 1, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 17 e 19. À taça foi atribuído o n.º 20.

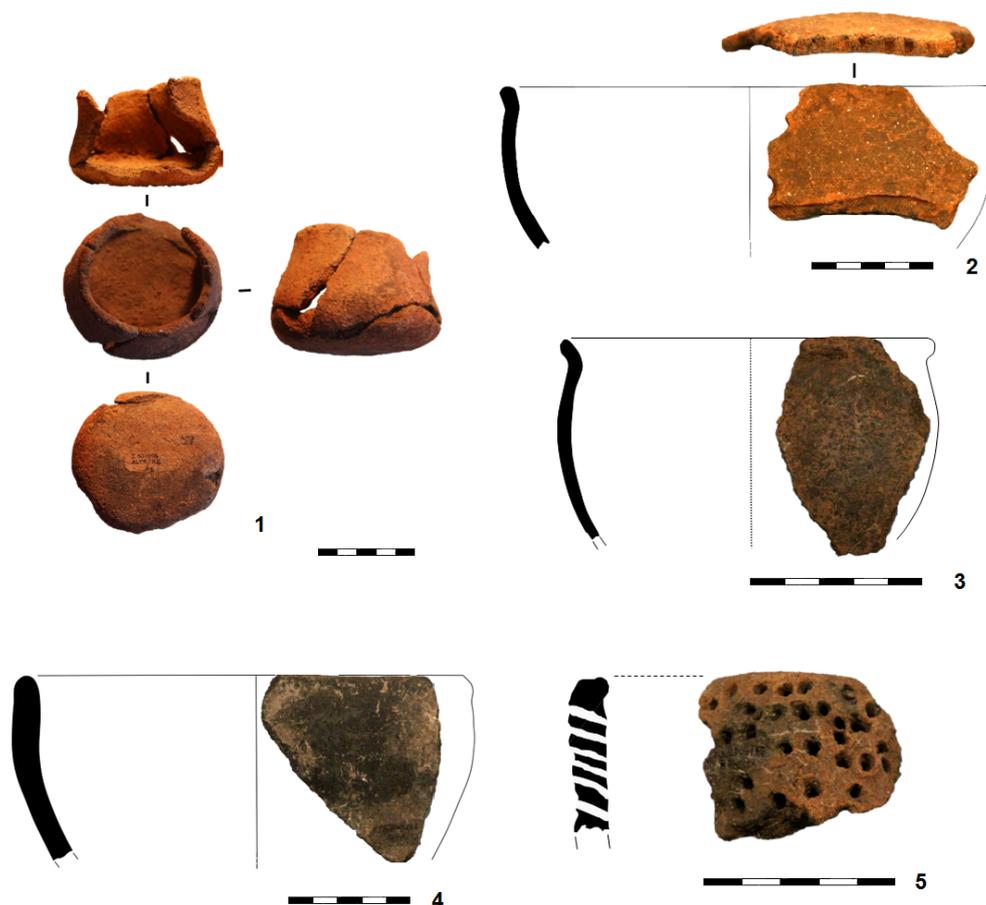


Fig. 4 - Peças cerâmicas da gruta da Igreja dos Soidos: [1] Vaso 20 (Sondagem A, camada 3); [2] Vaso 14 (Sondagem B, camada 4); [3] Vaso 11 (Sondagem A, camada 4); [4] Vaso 6 (Sondagem A, camada 3); [5] Vaso 17 (Sondagem A, camada 3). Escalas gráficas em cm.

- O Vaso n.º 1 apresenta uma densidade baixa de ENP, consistência friável e textura vacuolar, fragmentando-se muito facilmente. Acabamento alisado, com possíveis vestígios de aguada. Cor castanho-escuro (cozedura redutora). O bordo tem uma orientação reta, sugerindo uma forma de paredes retas. Devido às dimensões do fragmento não foi possível de apurar a forma do recipiente.
- O Vaso n.º 5 apresenta uma pasta com ENP densos, consistência friável e textura granular. Acabamento alisado. Cor enegrecida (cozedura redutora). O bordo apresenta uma orientação exvertida, evidenciando uma forma aberta. O diâmetro do recipiente é de c. 14 cm.
- O Vaso n.º 6 (Fig. 4, n.º 4) apresenta uma densidade de ENP média, consistência média e
- textura arenosa. Superfície rolada. Cor enegrecida (cozedura redutora). O bordo apresenta uma orientação reta, o que remete para uma forma aberta. O diâmetro do recipiente é de 11,5 cm.
- O Vaso n.º 7 apresenta uma densidade de ENP fraca, consistência média e textura xistosa. Acabamento brunido. Cor castanho-escuro (cozedura redutora). O bordo apresenta uma orientação reta, denotando assim uma forma aberta.
- O Vaso n.º 8 apresenta uma densidade de ENP fraca, consistência média e textura vacuolar. Acabamento de superfície tosco. Cor alaranjada (cozedura oxidante). O bordo é exvertido, indicando uma forma aberta. O diâmetro do recipiente é de c. 12 cm.

- O Vaso n.º 9 apresenta uma densidade de ENP fraca, consistência média e textura vacuolar. Superfície rolada. Cor castanho-escura (cozedura redutora). O bordo é exvertido, remetendo para um recipiente de forma aberta. A forma e espessura do bordo sugerem uma forma cónica, de pequenas dimensões, sem que tenha sido no entanto possível apurar o diâmetro.
- O Vaso n.º 10 apresenta uma densidade de ENP média, consistência média e textura vacuolar, fragmentando facilmente. Acabamento alisado. Cor acastanhada (cozedura essencialmente oxidante). O bordo apresenta uma orientação invertida, indicando um recipiente de forma fechada.
- O Vaso n.º 17 (Fig. 4, n.º 5) apresenta uma densidade de ENP média, consistência friável e textura arenosa. A superfície revela um acabamento tosco. Cor bastante escura, resultante de uma cozedura redutora. O bordo apresenta uma orientação retilínea; tendo em conta a tipologia específica do fragmento, deduz-se que se trata de uma forma cilíndrica. O diâmetro da peça é sensivelmente 12 cm. As numerosas perfurações que ostenta permite concluir que se trata de um fragmento de cincho em cerâmica - portanto, não é em rigor um vaso.
- O Vaso n.º 19 é também um cincho, tal como o caso anterior. Este apresenta uma pasta de densidade de ENP bastante fraca, consistência friável, e uma textura arenosa. Cor negra (cozedura redutora). Tem um bordo de orientação reta e, tendo em conta a morfologia geral do fragmento, a forma do objeto seria cilíndrica.
- O Vaso n.º 20 (Fig. 4, n.º 1) é uma taça, parcialmente completa, de carena baixa arredondada, a qual apresenta uma pasta com densidade fraca de ENP, de consistência média e textura arenosa, o que lhe confere uma

relativa fragilidade. Apresenta a superfície rolada. A pasta é de cor clara, ligeiramente alaranjada, mostrando assim uma cozedura oxidante. O bordo apresenta uma orientação exvertida, o corpo tem uma forma geral hiperboloide e a base mostra uma morfologia carenada arredondada. Foi possível realizar várias medições: diâmetro interno da abertura: 53,6 mm; diâmetro máximo do bojo: 79,2 mm; altura: 57,4 mm; espessura máxima do bojo: 7,6 mm.

Sondagem A, camada 4

Para além do bordo descrito abaixo, nesta camada foram exumados 35 fragmentos de onde resultou a remontagem de três bases planas.

- O Vaso n.º 11 (Fig. 4, n.º 3), apresenta uma densidade de ENP média, consistência friável e textura xistosa. Acabamento de superfície tosco. Cor acastanhada (cozedura oxidante). O bordo é exvertido, e a morfologia geral sugere uma peça ovoide.

Sondagem B, camadas 1, 2 e 3

O cômputo cerâmico geral destas camadas inclui duas bases planas e 22 fragmentos de bojos lisos, a que crescem ainda os fragmentos de bordo correspondentes aos seguintes vasos individualizados:

- O Vaso n.º 12 apresenta uma densidade de ENP elevada, consistência friável e textura arenosa, de fácil desagregação. Superfície rolada. Cor castanho-escura (cozedura redutora). O bordo tem uma orientação reta, sugerindo um recipiente aberto.
- O Vaso n.º 13 apresenta uma densidade de ENP média, consistência friável e textura arenosa, fragmentando-se facilmente.

Acabamento alisado. Cor castanho-escuro (cozedura redutora). O bordo possui uma orientação exvertida, sugerindo um recipiente de forma geral aberta.

- O Vaso n.º 18 apresenta uma densidade de ENP média, consistência friável e textura arenosa, o que lhe confere uma relativa fragilidade. Acabamento de superfície tosco. Cor castanho-escuro (cozedura redutora). O bordo é de orientação reta, sugerindo um recipiente de forma geral aberta.

Sondagem B, camada 4

Para além dos recipientes abaixo descritos, foram recuperados nesta camada 41 outros fragmentos de bojos lisos e um decorado, bastante rolado, com duas filas paralelas de pequenos punccionamentos.

- O Vaso n.º 14 (Fig. 4, n.º 2), apresenta uma densidade de ENP média, consistência ligeiramente friável e textura arenosa. Superfície rolada. Cor avermelhada (cozedura oxidante). O bordo é exvertido, sugerindo um recipiente de forma aberta. A morfologia dos fragmentos sugere uma forma hemisférica. A decoração consiste em impressões sobre bordo, conferindo-lhe um aspeto denteado. Foi ainda possível identificar o método de manufatura do vaso, devido à sua fracturação, onde se observam os rolinhos com que foi montado. Este vaso conserva dois restos de bordo, mas não remontáveis entre si. As medições estabeleceram um diâmetro de c. 18 cm.
- O Vaso n.º 15 apresenta uma densidade de ENP fraca, consistência friável e textura xistosa. A superfície aparenta estar rolada. Cor avermelhada (cozedura essencialmente oxidante). O bordo é exvertido, indicando uma forma aberta.

- O Vaso n.º 16 apresenta uma densidade de ENP média, consistência bastante friável e textura arenosa. Acabamento de superfície tosco. Cor castanha (cozedura oxidante). O bordo é exvertido, sugerindo um recipiente de forma aberta.

III. Restos faunísticos

Os restos faunísticos exumados, que se descrevem abaixo de acordo com a ordem e a espécie, totalizam 50 elementos. A classificação anatómica e taxonómica destes restos foi realizada recorrendo-se às coleções de referência do Laboratório de Arqueologia e Restauro da Universidade do Algarve e, nalguns casos, do Laboratório de Arqueociências (LARC) da Direção-Geral do Património Cultural. Num cômputo global da distribuição dos restos, notam-se frequências muito díspares entre ambas as sondagens: 48 restos (96%) na A e apenas dois (4%) na B. A variação das espécies por estrato é apresentada na Fig. 5 e discutida nas conclusões.

LAGOMORPHA

Oryctolagus cuniculus L., 1758 (coelho europeu)

Esta espécie está presente exclusivamente na Sondagem A, tendo sido exumados oito restos (14,3% do total da coleção), provenientes de duas camadas: uma tíbia, um úmero, uma pélvis e dois fémures, todos do lado esquerdo, da camada 1; e um fémur direito e uma escápula e tíbia esquerdas, da camada imediatamente subjacente. Todos se reportam a indivíduos jovens-adultos ou adultos, facto observável através da fusão total das epífises. Regista-se total ausência de marcas de ação antrópica, assim como excelente estado de preservação. Através da relação das partes anatómicas e lado correspondente chegou-se a

um Número Mínimo de Indivíduos (NMI) igual a dois.

***Lepus sp.* (lebre).**

Apenas foi identificado positivamente um resto atribuível a esta espécie, na Sondagem A (1,8%): uma tíbia esquerda proveniente da camada 4. Este resto osteológico apresenta-se fragmentado, conservando parte da diáfise e a epífise proximal. Não tem quaisquer marcas de ação antrópica. O exemplar apresenta a epífise perfeitamente fundida, representando assim um indivíduo jovem-adulto ou adulto. O NMI é de um.

CARNIVORA

***Felis sp.* (gato-bravo ou gato doméstico) / *Lynx pardinus* (lince ibérico)**

A presença de felídeos na Igrejinha dos Soidos é indicada pela presença de dois restos osteológicos distintos taxonomicamente, representando 3,8% da coleção. O primeiro é uma tíbia direita, da Sondagem A, camada 3, a qual apresenta as epífises totalmente fundidas, sugerindo assim a presença de um indivíduo jovem-adulto ou adulto. Não foi possível obter uma classificação específica, mas trata-se de um exemplar de pequeno felídeo. O segundo resto, também exumado da sondagem A, camada 4, é uma falange 1 pertencente a uma espécie consideravelmente maior que a anterior. Este resto encontra-se fragmentado junto à epífise proximal, o que impede uma classificação taxonómica mais exata. No entanto, o seu tamanho e atributos morfológicos sugerem que se possa tratar de lince ibérico (*Lynx pardinus*). A epífise conservada apresenta-se totalmente fundida. Foi, assim, inferido um NMI igual a dois e provavelmente representando cada resto osteológico uma espécie distinta.

Canis familiaris* L., 1758 (cão) / *Canis sp.

Foram exumados sete restos osteológicos pertencentes a canídeos, ou seja, 14,6% da totalidade da coleção, em que um dos restos pertence a um indivíduo de maior porte que os restantes. Os seis primeiros restos são provenientes da Sondagem A, camada 1, sendo composto pelos metacarpos 2, 3 e 4 direitos, astrágalo esquerdo, parte proximal da ulna direita e um 1.º molar superior (M¹). Em relação aos metacarpos e ulna, estes apresentam as epífises completamente fundidas, que indicam o estado adulto. O M¹ mostra marcas de desgaste características de espécimes com idades entre os 2 a 3 anos. O astrágalo, estranhamente, é pertencente ao lado esquerdo e não direito como os restantes restos, o que poderá indicar que se tratará de um indivíduo completo que ali estaria depositado. O sétimo resto, de um indivíduo de maior porte, é um calcâneo esquerdo de um espécime adulto (sem proveniência estratigráfica registada). Em todos os casos observa-se a ausência de marcas de ação antrópica. Tendo em conta o número de restos e a sua variabilidade anatómica, determinou-se um NMI igual a dois: um de menor porte e outro de médio/grande porte.

ARTIODACTYLA

***Sus domesticus* L., 1758 (porco) / *Sus scrofa* L., 1758 (javali)**

O género *Sus* está presente no conjunto através de um único resto: uma fíbula (1,8%). Este resto é proveniente da Sondagem A, camada 3. Não foi possível inferir a sua lateralidade nem a espécie. A fíbula apresenta características de maturação biológica adulta, e não tem qualquer marca

antrópica. Determinou-se assim um NMI igual a um.

***Bos taurus* L., 1758 (boi)**

Este táxon está representado por um único resto (1,8%): uma falange 1 exumada da Sondagem A, camada 3, que apresenta um estado de maturação biológica adulta, de dois anos ou mais, tendo em conta as dimensões e a fusão das epífises. A falange encontra-se fendida longitudinalmente, apresentando marcas de corte executadas talvez para extração do tecido medular. O NMI é portanto igual a um.

***Capra hircus* L., 1758 (cabra) / *Ovis aries* L., 1758 (ovelha)**

Foram exumados sete restos osteológicos de caprinos, representando no seu conjunto 12,8% do total da coleção. A similitude esquelética entre ambas as espécies e a ausência de elementos de diagnóstico foram fatores que impediram a sua distinção. Os restos osteológicos encontram-se divididos por duas camadas distintas da Sondagem A. O primeiro é proveniente das camadas 1 e 2 e consiste em quatro fragmentos de partes cranianas, duas das quais apresentando várias marcas de corte e evidenciando, assim, provável consumo humano. O segundo conjunto é proveniente da camada 3. Este é composto por uma escápula direita, um rádio (cuja lateralidade não foi possível aferir devido à inexistência das epífises) e um fragmento de corno (que também não permitiu classificação específica). Não apresentam qualquer marca de ação antrópica. A ausência das epífises do rádio deve-se à não fusão das mesmas, o que leva a admitir que se trata neste caso de um indivíduo muito jovem, talvez de cerca de 6 meses. Através do número de restos foi determinado um NMI igual a dois: um com menos de 6 meses e outro mais velho.

PASSARIFORMES

***Corvus monedula* L., 1758 (gralha-de-nuca-cinzenta)**

Trata-se de uma tíbia direita de ave de tamanho médio-pequeno que conserva a diáfise na sua totalidade e a epífise distal. A epífise está totalmente fundida, o que indica um indivíduo adulto. Após consulta da coleção de referência do LARC, este espécime é classificado como provável *Corvus monedula*. Não se regista qualquer marca ou alteração por ação antrópica ou animal. O NMI é igual a um.

ANURA

***Bufo bufo* L., 1758 (sapo-comum)**

O sapo comum está representado por três restos, isto é, 5,8% da coleção osteológica. Estes restos estão distribuídos por três camadas distintas da Sondagem A. O primeiro é um úmero direito da camada 1. Não apresenta marcas de manipulação antrópica ou animal. Não conserva as epífises. O segundo resto, um ílio direito, pertence à camada 4. Não apresenta marcas de manipulação mas apresenta uma fratura na parte proximal possivelmente devido a alterações pós-deposicionais. Finalmente, o terceiro resto, um fémur esquerdo, pertencente à camada 3. Apenas conserva parte da diáfise e a epífise proximal. Tendo em conta o número de restos, determinou-se um NMI igual a um.

VENEROIDA

***Ruditapes decussatus* L., 1758 (amêijoia-boa)**

A amostra é constituída por três valvas, duas das quais fragmentadas. Perfazem 5,8% do total da coleção faunística. Os fragmentos são provenientes da Sondagem A, camada 3, e o elemento que se encontra completo é procedente da camada 3. Estes restos não evidenciam qualquer marca de ação antrópica ou animal.

Além dos restos acima descritos e atribuídos a género ou espécie, há ainda a registar peças sem identificação taxonómica específica que se podem classificar em função do respetivo porte.

Animais de porte pequeno.

Nesta categoria inserem-se quatro restos: dois da Sondagem A e dois da B. Na primeira, os restos provêm das camadas 1 e 4 (um fragmento de osso indeterminado em cada). Não mostram marcas de manuseamento antrópico ou animal. Na sondagem B foi exumado um pequeno fragmento de costela na camada 1 e um osso indeterminado da camada 4. Mais uma vez, nota-se a ausência de marcas de manipulação. Este conjunto representa 7,2% da coleção.

Animais de porte médio.

Inseríveis nesta categoria encontram-se sete restos, todos da camada 3 da Sondagem A, a saber: fragmentos de uma vértebra, de ossos longos e de uma costela. Verifica-se em um dos restos marcas de corte. Este conjunto representa 14,2%.

Animais de porte médio / grande.

Nesta categoria integram-se três restos, todos da Sondagem A: um fragmento de osso indeterminado da camada dos 40-70 cm, um fragmento de costela da camada 4, e outro osso indeterminado também da camada 4. Não há quaisquer marcas de manipulação antrópica ou

animal. Este conjunto representa 5,5% da coleção.

Restos indeterminados.

Nesta última categoria registam-se unicamente dois restos, todos da Sondagem A, que representam 3,6%. O primeiro é da camada 1 e apresenta carbonização de cor negra, e o segundo é da camada 3.

IV. Discussão e conclusões

Na sua publicação sobre a Igrejinha dos Soidos, Straus *et al.* (1992) concluíam, com base em observações isoladas de aspetos tipológicos das produções cerâmicas, que nesta gruta se encontrariam dois níveis arqueológicos distintos: um, mais antigo, atribuível ao Neolítico médio (testemunhado, segundo os autores, pela presença dos bordos denteados) e outro, mais recente, de época calcolítica (indicado pela presença de fragmentos de cincho). Porém, uma análise mais alargada desta componente artefactual permite elaborar um outro quadro, se se atentar, num primeiro momento, aos elementos com carácter de diagnóstico presentes nas camadas que os autores consideraram estar *in situ*. Assim, na camada 4 da Sondagem A devem ser assinaladas três bases planas e o Vaso n.º 11, liso, de bordo exvertido e superfícies brunidas (Fig. 4, n.º 3); na camada 4 da Sondagem B merecem destaque duas bases planas e o Vaso n.º 14, de bordos denteados (Fig. 4, n.º 2). As bases planas - e, em particular, a representação que detêm neste conjunto cerâmico - sugerem mais decisivamente uma cronologia da Idade do Bronze, portanto posterior às propostas pelos autores citados. A presença de vasos de bordo exvertido, brunidos, com pastas compactas e cozeduras redutoras,

reforça em definitivo esta conclusão. A quase ausência de sítios não funerários da Idade do Bronze na região algarvia (Gomes, 1995, 2015; Gamito, 2003) impede o estabelecimento de comparações sistemáticas entre sítios residenciais numa área geográfica circunscrita. Ainda assim, é possível verificar que as mesmas tecnologias de fabrico e morfologias genéricas, associadas à presença de cinchos, ocorrem no povoado de Pontes de Marchil, em Faro (Monteiro, 1980; Gomes, 1995). Por seu lado, os bordos denteados não encontram paralelo no Algarve, podendo no entanto ser identificados (também associados a cinchos) no povoado da Serra de Alvaiázere em Leiria (Félix, 2006). Ambos os sítios integram-se no Bronze final. No cômputo geral, parece poder concluir-se, portanto, que os níveis arqueológicos reconhecidos em ambas as sondagens da Igreja dos Soidos datarão de uma primeira fase daquele período, isto é, anterior à divulgação dos “ornatos brunidos”, que não existem nesta gruta. Esta mesma conclusão pode ser estendida à generalidade dos materiais exumados das camadas sobrejacentes, principalmente da camada 3 da Sondagem A, ainda que não se deva para já excluir liminarmente a possibilidade de alguns recipientes poderem datar de momentos anteriores e encontrarem-se em posição secundária, embalados em sedimentos remobilizados.

Em suma, no momento atual de estudo da gruta da Igreja dos Soidos, é possível afirmar que este sítio deverá datar de um momento imediatamente anterior à ocupação do povoado de Pontes de Marchil. O facto de aquele povoado escavado na década de 1970 não ter sido ainda objeto de publicação detalhada impede comparações mais precisas, mas a datação sobre conchas de amêijoia (*Ruditapes decussata*) entretanto publicada - ICEN-648: 2990 ± 60 BP;

1402-1047 cal BC (Gomes, 2015) - estabelece um *terminus ante quem* para a gruta louletana, que assim deverá ter sido ocupada por volta de 1400 a.C.

A raridade de povoados da Idade do Bronze no Algarve - que manifestamente resulta de uma investigação mais focada no estudo de necrópoles - não se aplica, no entanto, ao conhecimento de contextos de gruta. Com efeito, para além da Igreja dos Soidos, há vestígios deste período nas grutas de Ibn Amar em Lagoa (Gomes, Cardoso e Alves, 1995) e da Ladroeira Grande em Olhão (Gomes e Calado, 2007) que, no seu conjunto, permitem construir uma visão das modalidades de utilização destes espaços naturais à escala regional. O facto de se encontrarem em pontos distintos da paisagem pode ser significativo. A primeira gruta está localizada na margem esquerda do Rio Arade, importante via de comunicação com o interior algarvio desde os primórdios da ocupação do território; o segundo caso de comparação tem uma localização de interior, numa cota mais elevada, e com um posicionamento que permite a visualização do território envolvente. No entanto, os autores acima citados vêm defendendo interpretações não económicas das atividades levadas a cabo em cada uma destas grutas, apontando mais especificamente para a sua utilização como grutas-santuário ou santuários subterrâneos. Para Ibn Amar foi mesmo proposto que os materiais cerâmicos

“[...] devem ter sido depositados na gruta, constituindo oferendas às divindades aquáticas e ctónianas que, talvez, se acreditasse ali existirem, em especial nas suas nascentes e lagos [...]”
(Gomes, Cardoso e Alves, 1995: 20).

Estas interpretações, porém, parecem não poder aplicar-se linearmente à gruta da Igreja dos Soidos. Dois fatores principais concorrem nesse

sentido: as produções cerâmicas, que apresentam aqui uma variabilidade muito maior a nível tecnológico e formal; e a sua própria topografia, mais ampla e menos sinuosa que as restantes, favorecendo a instalação de um grupo humano de forma mais prolongada. Acresce a esta interpretação o achado de objetos mais diretamente conectáveis com a esfera do comportamento

económico, como os cinchos, e a presença de uma componente faunística muito variada e que não pode, neste momento do estudo da gruta, ser equiparada, por hipótese, com as oferendas cárnicas que se têm vindo a identificar em contextos funerários alentejanos coevos (ver, por exemplo, Costa e Baptista, 2014).

No que respeita às atividades económicas de que a Igrejinha dos Soidos poderá ser testemunho, Straus *et al.* (1992: 158) aventaram, embora enquadrados por outra proposta cronológica, que

“[...] the indirect economic datum is the presence of one or two cheese strainers, suggesting the presence (at least seasonally) of goat and/or cow herders. It is entirely possible that Soidos served as herder’s camp in both periods, although the possibility of farming, particularly around the major spring at Alte, cannot be ruled out [...]. It is not unlikely that, in the Neolithic, transhumant pastoral systems were established to take advantage both of the good farming lands along the coast and along the few major streams of the Algarve and of its hill country grazing lands.”

Como se pode constatar, a localização particular da gruta - junto a dois ecossistemas diferentes mas complementares, a serra calcária e o vale da

Ribeira de Alte - poderá ter determinado o estabelecimento em moldes permanentes de um grupo agro-pastoril na área. Para além da variabilidade das produções cerâmicas, a fauna é um elemento decisivo na avaliação desta hipótese. A variação das espécies presentes (Fig. 5) permite-nos retirar várias conclusões a este respeito:

	Oc	L	F	Lp	Cf	S	Bt	OC	Cm	Bb	Rd
Camadas 1 e 2	5				6			4	1	1	
Camada 3	3		1			1	1	3		1	3
Camada 4		1		1						1	

Fig. 5 - Sondagem A: distribuição por camada dos restos faunísticos determinados taxonomicamente.

Legenda: Oc - *Oryctolagus cuniculus*; L - *Lepus sp.*; F - *Felis sp.*; Lp - *Lynx pardina*; Cf - *Canis familiaris*; S - *Sus sp.*; Bt - *Bos taurus*; OC - *Ovis aries* / *Capra hircus*; Cm - *Corvus monedula*; Bb - *Bufo bufo*; Rd - *Ruditapes decussatus*.

- Os mamíferos selvagens, assim como o sapo-comum e a gralha-de-nuca-cinzenta, representarão a fauna endógena da região, em que as grutas podem constituir mesmo o seu próprio habitat. Nestes restos estão ausentes marcas de manipulação antrópica. Em particular, os restos faunísticos provenientes da camada 4 da Sondagem A apresentam-se bastante mineralizados, o que poderá significar serem mais antigos uma vez que tal mineralização não se observa nos restos homólogos de estratos sobrejacentes. Esta observação sugere que os fragmentos cerâmicos serão intrusivos naquela camada, que deve ser portanto entendida provisoriamente como um depósito paleontológico, talvez de idade pleistocénica.
- Entre os restos de espécies com evidências de consumo humano (marcas de corte), contam-se os caprinos (ovelha e/ou cabra) e o boi. Para além destes, também existem outros de espécies indeterminadas que apresentam

marcas de corte e de exposição ao fogo. Este facto sugere assim que todos estes restos resultem da presença humana na cavidade, e que esta se envolvia a prática do pastoreio. A presença de cão pode ser interpretada no âmbito desta atividade, se se vier a confirmar a sua pertença ao nível da Idade do Bronze - note-se que os restos de canídeos provêm todos de camadas de remeximento.

É seguro afirmar que o grupo humano que estacionou na gruta da Igreja dos Soidos detinha uma economia pastoril que incluía a exploração dos produtos secundários dos seus animais. A presença de cinchos, objetos associados à transformação de produtos lácteos, concorre nesse sentido. Apesar da distância que separa esta gruta do oceano (cerca de 18 km), a presença de alguns restos de amêijoas-boas testemunha igualmente a existência de contactos (diretos?) com o litoral.

Apesar das limitações enunciadas quanto à representatividade das sondagens de L.G. Straus para uma caracterização sólida da presença humana na Igreja dos Soidos, estas no entanto ilustram bem todo o potencial que esta ainda encerra, podendo portanto vir no futuro a trazer dados importantes para o estudo da Pré-História na região algarvia, em particular da sua fase final.

Agradecimentos

Deixamos expressos os nossos agradecimentos a um revisor anónimo e a Maria João Valente (Universidade do Algarve), pelo acompanhamento que prestou nas análises dos restos faunísticos, e ao Laboratório de Arqueociências da Direção-Geral do Património Cultural, pelo acesso às suas coleções faunísticas de referência. Qualquer erro ou omissão é, no entanto, da nossa responsabilidade.

Bibliografia

BONNET, Charles (1850). *Mémoire sur le Royaume de l'Algarve*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

CARVALHO, António Faustino; STRAUS, Lawrence G. (2013). New radiocarbon dates for Algarão da Goldra (Faro, Portugal): a contribution to the Neolithic in the Algarve. In *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Mérida: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, pp. 193-205.

COSTA, Cláudia; BAPTISTA, Lúcia (2014). The inclusion of faunal remains in Bronze Age funerary practices in Southern Portugal. Montinhos 6, a case study. In Cleia Detry; Rita Dias (eds.) *Proceedings of the first Zooarchaeology conference in Portugal*. BAR International Series, 2662. Oxford: Archaeopress, pp. 33-46.

CRISPIM, José António; PÓVOAS, Liliana; STRAUS, Lawrence G. (1993). Further studies of Algarão da Goldra and Igreja dos Soidos: archaeological cave sites in the Algarve (Portugal). *Algar*, 4, pp. 31-44.

FÉLIX, Paulo (2006). O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo norte (centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos. *Conimbriga*, 45, pp. 65-92.

GAMITO, Teresa Júdice (2003). Os recintos fortificados do início da Idade do Bronze do Sul de Portugal: onde os encontrar? In Susana Oliveira Jorge (coord.) *Recintos murados da Pré-História recente. Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*. Porto/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, pp. 329-337.

GOMES, Mário Varela (1995). A Idade do Bronze no Algarve. In Susana Oliveira Jorge (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 140-143.

GOMES, Mário Varela (2015). *The Vale da Telha necropolis (Aljezur) in the context of the Southwest Iberian Bronze Age*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências.

GOMES, Mário Varela; CALADO, David (2007). Conjunto de cerâmicas da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10, pp. 141-158.

GOMES, Mário Varela; CARDOSO, João Luís; ALVES, Francisco (1995). *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa.

MONTEIRO, J. Pinho (1980). O acampamento do Bronze final das Pontes de Marchil. *Descobertas arqueológicas no Sul de Portugal*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa/Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, pp. 43-45.

STRAUS, Lawrence G.; ALTUNA, José; FORD, Derek; MARAMBAT, Laurence; RHINE, J. Stanley; SCHWARCZ, Henry P.; VERNET, Jean-Louis (1992). Early farming in the Algarve (Southern Portugal): a preliminary view from two cave excavations near Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXII, pp. 141-161.

STRAUS, Lawrence G.; GAMITO, Teresa Júdice; CRISPIM, José António; ARNAUD, José Morais (1988). *Projecto de Investigação: O Paleolítico Superior em Portugal, Fase II*. Relatório policopiado entregue ao Instituto Português do Património Cultural.

VEIGA, Sebastião P.M. Estácio (1886). *Antiguidades monumentaes do Algarve*, Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.

VERÍSSIMO, Humberto (2016). *A ocupação proto-histórica em complexos cársicos no Algarve: o caso da Gruta da Igreja dos Soidos, Loulé*. Faro: Universidade do Algarve (Seminário de Licenciatura; policopiado).